

mas que também oprime. Talvez por abordar um “velho-novo” tema, ainda às escuras, no permeio da tradição e da inovação, a eliminação da escola, entretanto, continua como um acontecimento problemático, na medida em que esta permanece como algo fundamental à *vida*. Paul Goodman não hesitou diante dos vários acontecimentos e das diversas vias semelhantes, mas de ordens díspares que se abriam diante de si. Tomou o problemático como ponto de organização para a “ressonância interna” produzindo diferenças que desassossegam o espaço sacro — a escola — aproximando-o das práticas no campo dos anarquismos.

um história de amor e prisão | salete oliveira*

Manuel Rivas. *O lápis do carpinteiro*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002, 148 pp.

Manuel Rivas escreve o *Lápis do carpinteiro* e o inscreve na tensão entre a ficção e a realidade. Trata-se de uma narrativa proliferada, na qual o narrador desdobra-se incontáveis vezes.

Quem é o narrador? Ele é reescrito, não pela mão que toma o lápis mas, multiplicado pelos olhos do autor-pintor-leitor que destoam e ecoam matizes de personagens possíveis. O que é o autor?

Uma história de amor e prisão atravessada pela experiência de duplos em discórdia: prisão-inveja; amor-liberdade. O espaço-tempo é o da Guerra Civil Espanho-

* Pesquisadora no Nu-Sol e PRODOC-CAPES/PEPG Ciências Sociais PUC-SP e professora na Faculdade Santa Marcelina.

la. O amor-liberdade da subversão. A prisão-inveja do Franquismo. O livre-amor preciso e intransferível entre Daniel La Barca e Marisa. A inveja-prisão do guarda Herbal, carcereiro devoto-amoroso do fascismo.

De histórias díspares o livro provém de inúmeros lugares e emerge vigoroso já na dedicatória que se imiscui na tessitura da narrativa. Diluição profusa de circunstâncias, objetos e gestos. O livro é dedicado a Conchiña e à memória de seu grande amor Paco Comesaña, “doutor que lutou contra o mal de ar”. Sua figura estilhaça-se em diversos médicos que o atravessam ao longo do livro para confluírem na composição da personagem de Daniel La Barca. Um médico libertário que lutou contra a atmosfera do totalitarismo, inspirado e expirando paixão por Marisa, extensão amorosa de Conchiña. La Barca, na juventude, mirava Marisa, no fim da vida, ele em sua beleza tísica, ainda a mirava, “seus velhos olhos olhavam para ela tatuados de desejo” (p. 13). Após tantos anos juntos, respondia enamorada quando ele perguntava: como era mesmo o poema do melro? Ela, simultaneando asas e miradas apaixonadas de uma vida inteira, declamava de cor:

“Tanta paixão e tanta melodia
tinhas em tuas veias apressadas
que uma paixão à outra somada
já em teu corpo exíguo não cabia” (p. 12).

A luta do corpo contra a escassez de ar. A atmosfera árida de pássaros confinados que transmutam-se na prisão *A Falcona* — situada atrás do palácio Raxoi, próximo à praça do Obradouro, que dava em frente à catedral. “Lá começava o Inferninho. Cada catedral medieval, o grande templo de Deus, tinha por perto um Inferninho, o lugar do pecado. Porque atrás da prisão ficava o Pom-bal, o bairro das putas” (pp. 22-23). Os arredores da pri-

são condensavam, simultaneamente, o enunciado franquista que dividia o espaço reservado às mulheres na Espanha: metade freiras, metade putas. Face reversa do inferninho-catedral composta pela extensão prisional no território da casa dos loucos, o manicômio de Concho, lá, cuja a passagem das horas era compassada pelos toques do relógio da Igreja.

O estarecimento manicomial. Lugar-cárcere do primeiro encontro entre La Barca e o pintor que queria retratar as paisagens da dor psíquica, aquela lavrada nos rostos “(...), não por insanidade, mas por um fascínio abismal. A doença mental, pensava o pintor, desperta em nós certa repulsa. O medo diante do louco precede a compaixão, que às vezes nunca chega. Talvez, achava ele, porque intuímos que essa enfermidade faz parte de uma espécie de alma comum e anda por aí solta, escolhendo um ou outro corpo conforme lhe convenha. Daí a tendência a fazer o doente invisível. O pintor lembrava de, quando era criança, uma casa sempre fechada ao lado da sua. Um dia ouviu gritos e perguntou quem estava lá. A dona da casa lhe disse: Ninguém. (...) O cenário do manicômio era estarecedor. (...) O que impressionou o pintor foi o olhar dos que não olhavam. Aquela renúncia às atitudes, o absoluto deslugar por onde caminhavam” (p. 35).

Segue no traço do lápis do carpinteiro, a espera da compaixão do pintor esboçada ao lado de seu medo. A loucura não é invisível, se faz escancarada em insuportáveis verdades diria a cruel-cruza de Antonin Artaud. O deslugar do insuportável é confinado no lugar comum prisão-manicômio. No cárcere que o pintor, também, viria habitar e encontrar no seu algoz Herbal o duplo que ele continuaria a acompanhar em forma de voz no ouvido mesmo depois de morto. Mais um feixe de duplicação de narradores articulado por Rivas.

Para o franquismo o perigo do pintor residia no fato de que ele pintava idéias, o de La Barca em permanecer vivo todas as vezes que sua morte esteve prestes a se consumir; ao se fazer livre, de forma incessante, mesmo quando confinado. Permanecer livre independente da situação, este é o maior perigo identificado pelos autoritarismos em qualquer tempo ou espaço.

Herbal, o servo voluntário da inveja-prisão traça em papel, com o lápis de carpinteiro que herdou, a sua sombra apequenada que acompanha o embate de La Barca ao longo do livro. Anota cada gesto do médico, seus erros gramaticais transformam beleza tísica em beleza física, apresenta relatórios, delata. Confessa em rascunhos sua obsessão amorosa pela libertária Marisa. “O doutor La Barca tinha namorada. E essa namorada era a mulher mais linda do mundo. Do mundo que Herbal conhecia, e, certamente, do que não conhecia” (p. 45). Herbal confinado em seu mundo repleto de fronteiras demar-cadas pelo desejo de propriedade da vida do outro, extensão do desejo fascista. Fronteiras do carcereiro, do fascismo, da prisão, da inveja que não suporta os apaixonados-livres cujo gesto espontâneo é o do abraço, da festa, da dança, do combate.

“E como se abraçavam, Herbal?, perguntou a menina do clube. Já vi homens e mulheres fazendo de tudo, mas aqueles dois bebiam um ao outro. Lambiam-se a água com os lábios e com a língua. Sorviam o líquido nas orelhas, na cava dos olhos, pescoço acima do peito. Estavam tão encharcados que deviam se sentir nus. Beijavam-se como dois peixes” (p. 112).

A única coisa boa das fronteiras são as passagens clandestinas diz Rivas pela boca de La Barca. Para além disto, fica para o leitor interessado na vida, livre e apaixonada, sob o sol alto ou sob tempestades, a coragem da ultrapassagem e da diluição de fronteiras.